

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES**

BIANCA APARECIDA VIDAL GONÇALVES

O TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

MATINHOS

2015

BIANCA APARECIDA VIDAL GONÇALVES

O TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Artes.

Mediador: Prof. Alaor de Carvalho

MATINHOS
2015

DEDICATÓRIA

Muitas pessoas me ajudaram, algumas do meu lado, outras me dando aquele apoio, amigas de sala de aula que fizeram parte do meu trabalho, mas que me deixaram seguir sozinha. Aos professores que muito me ajudaram e me acalmaram com palavras várias vezes quando precisei, mas tem uma pessoa em especial que dedico esta homenagem, este momento único que estou vivendo: ao meu marido, amigo, companheiro e eterno amor, Maurício Sorato. Ele sim me viu chorar, me viu ter ataques, me viu querer desistir muitas vezes, comemorou comigo e apoiou as idéias novas que iam surgindo, ele sim esteve ao meu lado e aturou qualquer desespero e vitória minha para que meu projeto se torna-se hoje a minha monografia. Que compartilhou da sua sabedoria e anos de estudo e me estendeu a mão, mesmo sem querer, mesmo sem saber, se mostrou calmo e pronto a me ajudar.

A ele eu sou grata, a ele eu sou eternamente grata, acredito que sem ele não seria quem sou hoje, e pode ter certeza que iremos comemorar juntos esta conquista, e sendo minhas lágrimas de felicidade ou não, você como sempre continuará sendo minha base. Obrigada por tudo, lhe amo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao meu marido Maurício Sorato pela ajuda, paciência e apoio durante todo o processo.

A Deus, pela minha vida e pelas oportunidades.

A escola Francisca Pessoa Mendes, pelo espaço ofertado e por acreditar no meu potencial.

Ao meu orientador que me ajudou com sua experiência durante o trabalho.

A professora Luciana Ferreira pelas opiniões e pelo apoio no meu trabalho.

A minha amiga Mayara Freire que sempre esteve ao meu lado.

A todos que me auxiliaram de alguma forma durante o processo.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma experiência realizada a partir de uma oficina de teatro realizada na escola Francisca Pessoa Mendes de Paranaguá, com crianças do ciclo 2 do ensino fundamental. O intuito desta oficina foi levar o teatro como ferramenta pedagógica, ou seja, uma maneira de auxiliar no desenvolvimento destas crianças. A oficina foi realizada por 2 anos na escola e atendeu crianças do tempo integral, onde era ministrada uma vez por semana, utilizando-se dos jogos teatrais como fundamentação pedagógica. O objetivo da oficina era levar o teatro para dentro da escola com um olhar diferenciado, criar ao longo do projeto uma progressão pedagógica que servisse como base para trabalhos futuros e de material de apoio para poder trabalhar com cada faixa etária. Com base nas observações do projeto concluiu-se que o teatro, principalmente como oficina dentro da escola, pode ser um aliado poderoso da equipe pedagógica e contribuir com o desenvolvimento das crianças. A partir dos resultados obtidos, pode-se levar o teatro para outros ciclos e desenvolver novos trabalhos, buscando familiarizar a criança com a linguagem teatral e facilitar trabalhos futuros. A partir da progressão pedagógica para o ensino do teatro deste projeto podem surgir outras que contribuirão com o desenvolvimento da linguagem e com a formação dos professores.

Palavras- chaves: Teatro, arte educação, escola, tempo integral.

ABSTRACT

This research refers to a theater workshop held at a school in Paranaguá, with children of the second cycle of an elementary school. The aim was to bring the theater as a pedagogical tool, which means, a way to assist in the development of these children. The workshop was held for two years at the school, where children attended full-time. The meetings used to happen once a week and theatrical games were used as pedagogical foundation. The objective of the workshop is to bring

theater into the school with a different look; creating throughout the project an educational progression that will serve as basis for further work and support material to be able to work with each age group. Based on the observations of the project, it may be concluded that the theater, mainly as a workshop within the school, can be a powerful ally of the educational team and contribute to the development of children. From the results obtained, it is possible to take the theatrical concept to the other cycles and develop new works, seeking to familiarize the children with the theatrical language and facilitate future works. From the pedagogical progression to the theater school of this project may arise others that will contribute to the development of language and teacher training.

Key words: theater; art; education; school

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

A disciplina de Artes carrega consigo uma subjetividade muito grande se comparada com as demais disciplinas das escolas. Tal subjetividade é proveniente do próprio objeto de estudo da disciplina, porém essa subjetividade demasiada gera dúvidas sobre os caminhos a serem percorridos pelo professor de Artes. Se até mesmo o profissional licenciado possui tais questionamentos, como a disciplina é encarada por demais profissionais do universo escolar e pelos alunos?

Os questionamentos levantados anteriormente se referem ao fato de que as linguagens da Arte estão sendo muito pouco exploradas pelos alunos, principalmente nos primeiros ciclos do ensino fundamental. Pude observar tal situação, durante os estágios no magistério, durante a experiência no programa Mais Educação e durante os Projetos de Aprendizagem (PA) da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. No ano de 2014 atuei em um colégio estadual do Município de Paranaguá e pude constatar, diariamente, que meus alunos de 10 a 15 anos possuíam uma vivência muito superficial nas quatro linguagens e, especificamente no teatro, a situação era ainda pior.

Refletindo sobre tais questões surgem diversas possíveis causas para esse cenário: qualidade dos profissionais envolvidos nos primeiros ciclos, visão do município sobre a disciplina, postura da escola com a disciplina, etc. É sugestivo que o Brasil toma o caminho inverso da Educação, prepara o suficiente os professores de ensino superior, basicamente os professores de 3º ciclo em diante e, sequer se preocupa, em capacitar cada vez mais os professores de nível básico. Ora, mas se o aluno não tem uma boa base como chegar à excelência? Os talentos que vemos por aí afora em diversas áreas são provenientes de suas próprias capacidades e de oportunidades diferenciadas que contra tudo e todos funcionaram de alguma forma.

- 1 Questões sistemáticas à parte, como seria trabalhar uma progressão pedagógica adequada no ensino de teatro? Como organizar os conteúdos e

1 Programa Mais Educação - O Programa Mais Educação e o Programa Ensino Médio Inovador são estratégias do Ministério da Educação para a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral para escolas públicas da rede estadual e municipal de ensino.

2 P.A. da UFPR Litoral - Na UFPR Litoral, cada estudante constrói seu Projeto de Aprendizagem (PA), desde o primeiro ano de ingresso na Universidade. Os PAs permitem que os indivíduos construam o seu conhecimento de maneira integrada, percebendo criticamente a realidade. O estudante alia o aprofundamento metodológico e científico à preparação para o exercício profissional, desenvolvendo habilidades de auto-organização e produtividade.

percorrer um caminho mais seguro? Visto que o leque de possibilidades da disciplina é muito grande, decidi concentrar - me na linguagem que possuo melhor conhecimento: o teatro.

Baseada nessas questões e, levando em consideração minhas vivências com o teatro, busco organizar uma forma de utilizá-lo de maneira lógica nos primeiros ciclos do ensino fundamental. Estudar a questão a ponto de identificar erros que vem ocorrendo e situações que favoreçam a utilização do teatro não apenas como objeto de estudo de uma disciplina, mas como uma ferramenta pedagógica à disposição da escola e em prol do aluno. Tenho como objetivo desenvolver uma maneira coerente e progressiva de utilizar o teatro como ferramenta pedagógica no ensino fundamental (ciclo 2) em uma escola municipal de Paranaguá. Para tanto, neste estudo precisei: identificar as características da faixa etária dos alunos do ciclo 2, buscar na literatura as possibilidades pedagógicas do ensino do teatro, organizar a informação levantada buscando uma progressão pedagógica para o ensino do teatro e propor maneiras de utilização do teatro como ferramenta pedagógica no ambiente escolar.

Justifico esta pesquisa pela necessidade de diminuir a prática empírica do teatro nos primeiros ciclos do ensino fundamental, buscando utilizá-lo de maneira mais teórica e coerente para auxiliar a prática pedagógica e formar alunos mais habituados e críticos para com esta linguagem.

Particularmente, discordo do rumo desordenado e da má utilização do teatro na escola, principalmente nos primeiros ciclos, levou-me a buscar respostas para este tema que se apresenta aliciante.

Entendo também, que este estudo poderá ser usado como subsídios para vários profissionais, bem como levantar questões que somente poderão ser respondidas com outros estudos a serem desenvolvidos por aqueles que tenham as suas dúvidas não saciadas, e que possam levar a um melhor entendimento sobre o assunto.

2 O TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO CICLO 2 DO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 O TEATRO

O teatro surgiu na Grécia Antiga, no séc. IX a.C. Consiste em representar uma situação e estimular sentimentos na audiência. A tríade: quem vê, o que se vê e o imaginado é o apoio do drama, pois ele exige uma reflexão propiciada através do ator ou conjunto de atores interpretando uma história (DANTAS, 2015).

A palavra teatro pode delimitar uma arte ou o espaço físico onde se exibem diferentes formas de arte. O teatro pode ser também associado ao modo pelo qual o homem descobriu para revelar seus sentimentos de amor e ódio.

Na sociedade, mesmo em meio às novas tecnologias, e com tantas fontes de entretenimento possíveis, o teatro está sempre se modificando e possui lugar de destaque no entretenimento e na formação de suas platéias, pois vem muito carregado de significado e de paralelos com a vida real. Contudo, não é errado afirmar que uma parcela gigantesca da população não tem acesso ao teatro ou simplesmente não aprendeu a apreciá-lo.

Neste contexto é fácil notar que se, durante o período escolar, o indivíduo possuir os estímulos necessários com relação ao teatro, sua relação com o mesmo será de maior proximidade. Aprender a apreciar o teatro é fundamental para o melhor desenvolvimento de um povo e sua conscientização acerca de diversas questões. Mas o que falta para que isso aconteça efetivamente? O que acontece no período escolar que afasta os indivíduos do teatro?

Buscando elucidar melhor as questões do teatro com a escola veremos que o mesmo possui várias aplicações e metodologias para serem utilizadas no ambiente escolar. O intuito é de compreender as variadas implicações do teatro na vida das crianças na escola e como podemos utilizá-lo para auxiliar os alunos e profissionais da educação no que concerne à prática pedagógica.

2.2 O TEATRO NA ESCOLA

O teatro, já há algum tempo, efetivou-se como componente curricular obrigatório na disciplina de Artes, mas a distância entre uma prática e outra, daqui ou de lá, ainda é muito grande. O teatro, como discutido a seguir, percebido como jogo, como espetáculo ou como mera encenação, possui milhares de facetas a serem exploradas, e é justamente esse imenso universo subjetivo do teatro que pode fazer dele algo bom ou ruim dentro da escola.

O teatro na escola, ao longo dos anos, foi carregando sentidos baseado nas análises da psicologia e dos agentes educacionais em virtude de alguma situação, porém conforme Koudela e Santana (p. 146, 2005) explicaram, “podemos dizer que a situação se inverteu, sendo que especialistas de várias áreas e em vários níveis de ensino – da educação infantil ao ensino superior – buscam a contribuição única que a área de teatro pode trazer para a educação”.

Historicamente em nossas vidas escolares temos vivenciado a prática teatral de um modo acabado, pronto, estruturado de maneira unidirecional para um fim estético de espetáculo. São poucos os alunos que tiveram uma oportunidade verdadeira de trabalhar o teatro em suas vidas, tudo por conta de práticas sem significado e desestruturadas de uma metodologia ou, até mesmo, de um desconhecimento sobre a linguagem teatral. Mas como trabalhar o teatro na escola? Com qual finalidade?

“Nos textos especializados nacionais, sucedem-se descrições de objetivos comportamentais que são a justificativa para a inclusão do teatro no currículo da escola” (KOUDELA; SANTANA, p. 148, 2005). A subjetividade da prática teatral acaba por gerar dúvidas gigantescas na cabeça de educadores preparados para trabalhar com o mesmo, imagine então para os indivíduos que levam a prática teatral para os alunos sem qualquer preparo pois infelizmente ainda hoje em dia, com todos os esforços no ensino superior, com cursos de formação na área artística, temos pouquíssimos professores formados em Artes nas escolas brasileiras. A disciplina ainda é ministrada pelos professores de português, de História, etc.

A questão da dificuldade em se “desenhar” uma maneira de melhor trabalhar o teatro com as pessoas gerou diversos estudos e teorias sobre o tema. A ligação do teatro com a escola pode gerar ene situações, desde que se respeitando certas condições e tendo-se em mente que o aluno é parte viva do processo. Como dito anteriormente, na maioria das situações teatrais no ambiente escolar o aluno é

extremamente passivo e alheio ao processo criativo. Mas qual, ou quais, seriam os caminhos mais seguros a se percorrer quando se trata de teatro?

Diversos estudos de autores como Brecht, Moreno, Boal e Spolin, buscaram tornar o teatro mais rico em suas vivências e repleto de significados, através de metodologias que possibilitam ao aluno uma compreensão de mundo diferenciada, além de permitir a atividade do indivíduo no coletivo e aflorar suas potencialidades. Dentre os diversos estudos chama a atenção o de Viola Spolin e o jogo teatral, que foi a base deste projeto e o ponto de partida de um estudo mais aprofundado sobre o tema. A autora americana estabelece uma diferença entre dramatic play (jogo dramático) e game (jogo de regras), diferenciando assim a sua proposta para um teatro improvisacional de outras abordagens, através da ênfase no jogo de regras e no aprendizado da linguagem teatral (SPOLIN 2001;1999).

Em uma interpretação, ao enfatizar o jogo de regras, a autora concede ao educador uma maneira de conduzir que possibilita uma vivência mais rica. O fato de orientar algo não significa necessariamente podar a criatividade e a autonomia, pelo contrário, quando bem feito pode auxiliar o processo criativo dos envolvidos.

Quando da utilização do jogo teatral ou de qualquer outro método mais centrado no aluno e nos meios do que nos fins, fica evidente a diferença que o teatro pode fazer na vida das pessoas, uma vez que elas se sentem parte de todo um processo que, em sua maioria, nem irá se tornar um espetáculo.

A apreciação do teatro formal também deve fazer parte da formação dos alunos nas escolas, porém não deve se mostrar superior a outras questões. Ao fazer parte do processo de criação e ofertando aos alunos uma peça formal que se aproxime de suas realidades pode refletir positivamente sobre os educandos de maneira a eles perceberem diferenças claras do teatro formal e das outras facetas teatrais, bem como pode fornecer outros estímulos que levarão os próprios educandos a pensar em organizar uma peça para apresentar na escola e, aí sim, a prática do teatro formal na escola fará muito sentido, além de proporcionar aos alunos participar de todas as etapas da construção do espetáculo.

Não é possível generalizar a ponto de dizer que todas as escolas não se preocupam com a questão do teatro no currículo de seus alunos, mas posso garantir que em minha vivência, como aluna de escola pública do município de Paranaguá, e da maioria das pessoas com quem tenho comentado sobre o assunto, o teatro na escola não passou de algo extremamente superficial, utilizado para dias de

comemorações datas específicas oficiais do calendário escolar, organizado de maneira unilateral e sem muito significado aparente. Lembro-me de ter assistido algumas peças na escola, mas não lembro de ter ido ao edifício teatral com a escola. Lembro-me também de algumas peças divertidas na escola com a presença de palhaços, mas novamente era um teatro vazio e passageiro, que tanto não marcavam a vida das pessoas que sequer me lembro bem.

Para a escola, o teatro pode ter um valor muito grande e se tornar um agente transformador do ambiente escolar e da comunidade na qual está inserida. O foco deve ser o aluno, não o espectador. Os meios devem ser mais importantes que os fins e os alunos devem perceber múltiplas maneiras de se fazer teatro. O importante nesse início de mudança de visão da escola é que as pessoas envolvidas na administração escolar percebam os benefícios do teatro e ampliem a visão que possuem sobre o mesmo, possibilitando que um trabalho bem estruturado possa acontecer.

2.3 O TEATRO E SUAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Partindo da premissa de que o teatro é uma das linguagens da arte que mais ajuda no desenvolvimento de uma pessoa, seja na criatividade, coordenação motora, relações interpessoais, autoestima, etc.

Após o primeiro ciclo do ensino fundamental as crianças já começam a ser menos egocêntricas e com isso passam a perceber e reconhecer os demais. Nesta fase a criança observa muito os colegas e, portanto, torna-se um momento excelente para aguçar seu relacionamento e trabalho em grupo, bem como sua criatividade. Os jogos teatrais estão entre as formas mais eficazes de se trabalhar a linguagem com eficácia, possibilitando ao aluno a compreensão dos diferentes tipos do fazer teatral e estimulando-o a se desenvolver.

O teatro carrega consigo diversos significados e pode trazer os seguintes benefícios à criança: capacidade de improvisação, tomada de decisão, desenvolvimento da oralidade, desenvolvimento da expressão corporal, técnicas de voz, estimula as relações interpessoais, desenvolve a inteligência emocional, amplia o vocabulário, incentiva a leitura, propicia a ampliação do conhecimento de mundo, melhora a autoconfiança e a autoestima, estimula a imaginação, entre outros benefícios físicos e psicológicos (ARCOVERDE, 2008).

Os jogos teatrais se adaptam à proposta do segundo ciclo não única e exclusivamente por sua flexibilidade com relação aos objetos de estudo, mas sim à sua maneira lúdica de alcançar os objetivos. Segundo Piaget (1978) as atividades lúdicas atingem um caráter educativo tanto na formação psicomotora como também na formação da personalidade das crianças. Assim sendo, valores morais como honestidade, fidelidade, perseverança, respeito ao social e aos outros são adquiridos.

2.4 CARACTERÍSTICAS DO CICLO 2 DO ENSINO FUNDAMENTAL

Apesar de estarmos acostumados à estrutura seriada da organização escolar, os parâmetros curriculares nacionais sugerem a utilização de ciclos para organizar a escolaridade. Segundo estes parâmetros

Na década de 80, vários Estados e Municípios reestruturaram o ensino fundamental a partir das séries iniciais. Esse processo de reorganização, que tinha como objetivo político minimizar o problema da repetência e da evasão escolar, adotou como princípio norteador a flexibilização da seriação, o que abriria a possibilidade de o currículo ser trabalhado ao longo de um período de tempo maior e permitiria respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem que os alunos apresentam.[...] Os Parâmetros Curriculares Nacionais adotam a proposta de estruturação por ciclos, pelo reconhecimento de que tal proposta permite compensar a pressão do tempo que é inerente à instituição escolar. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL, 1997, p. 42).

De acordo com os parâmetros curriculares nacionais, texto de 1997, “o primeiro ciclo se refere às primeira e segunda séries; o segundo ciclo, à terceira e à quarta séries; e assim subsequentemente para as outras quatro séries” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL, 1997, p. 43).

Visto que os parâmetros curriculares estão organizados em ciclos de 2 anos e que, segundo minhas pesquisas, não consegui clareza para definir tais ciclos de acordo com a atual configuração de 9 anos de ensino fundamental, mas como a ideia de tal proposta é iniciar a vida escolar das crianças mais cedo, resolvi considerar os três primeiros anos do ensino fundamental como sendo o ciclo 1 e, conseqüentemente, como ciclo 2 os 2 anos seguintes (4º e 5º ano).

Assim sendo, quando o presente trabalho citar os termos “ciclo 2” ou “segundo ciclo” fará referência ao 4º e ao 5º ano do ensino fundamental.

2.4.1 Características da faixa etária

Para conseguir organizar melhor este estudo é fundamental conhecermos primeiramente quais são as características da faixa etária com a qual foi realizado. Em geral, nos referindo aqui à idade cronológica, a maioria das crianças do segundo ciclo encontram-se na faixa etária de 9 a 10 anos. Em termos práticos, em virtude de questões acordadas com a diretoria da escola na qual realizou-se o projeto, se tornou inviável excluir crianças de outras idades no projeto. Portanto deixo claro que durante o trabalho desenvolvido atendemos crianças de 8 a 11 anos, porém focamos as análises e as pesquisas nas crianças de 9 a 10, tornando mais específico e melhor delimitado o foco do projeto. Como a oficina que foi desenvolvida na escola contava com alunos de 8 a 11 anos no mesmo horário tornou-se dificultoso ministrar conteúdos adequados para cada faixa etária, como veremos mais à frente, reforçando ainda mais a necessidade de focar numa faixa etária específica. Como a maioria das crianças encontrava-se no 4º ou 5º ano ficou estabelecido a estruturação do projeto com foco na faixa etária em questão.

Sabe-se também que há muito o que se discutir sobre uma faixa etária específica para esmiuçar ao máximo suas características e que há sempre mais coisas a se descobrir, seja nos âmbitos cognitivo, motor, emocional, etc. A ideia aqui é conhecer um pouco melhor o perfil da faixa etária e aproximar as informações das nossas necessidades, portanto elencarei a seguir, de maneira breve, as informações que me parecem mais relevantes ao meu estudo e que se relacionam diretamente com a prática do teatro. Creio também que, devido ao relacionamento de diversos temas com a faixa etária, acabarei inevitavelmente deixando algo para trás, porém ainda assim meu trabalho será útil como base para estudos posteriores.

2.4.2 Estágio de Desenvolvimento do Conhecimento

Baseada nas obras de Piaget e sua teoria da epistemologia genética, podemos compreender melhor os processos cognitivos das crianças e suas peculiaridades de acordo com a faixa etária. Piaget organizou a maneira como o ser humano constrói seu conhecimento em estágios: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-

operatório (2 a 7 anos), operatório concreto (7 a 12 anos) e operatório formal (12 anos em diante) (TERRA, S.D.; PÁDUA, 2009; VIOTTO FILHO e PONCE, 2005). As faixas etárias que foram descritas para cada estágio são aproximadas, não quer dizer que cronologicamente funcionam exatamente neste período, porém é seguro dizer que, ao focarmos nossa atenção nas crianças de 9 a 10 anos, estamos mais interessados no estágio operatório concreto.

Segundo Terra (s.d. apud. RAPPAPORT, 1981)

Neste período o egocentrismo intelectual e social (incapacidade de se colocar no ponto de vista de outros) que caracteriza a fase anterior dá lugar à emergência da capacidade da criança de estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes (próprios e de outrem) e de integrá-los de modo lógico e coerente.

Aproveitando o texto supracitado já podemos começar a perceber que a faixa etária em questão, principalmente no que diz questão ao egocentrismo, pode ser considerada ideal para um bom início de trabalho com teatro, visto que no estágio anterior a criança possui dificuldade em se colocar no lugar do outro. O fato de tal dificuldade pode gerar situações indesejadas durante o processo de ensino-aprendizagem do teatro, além de me parecer incoerente o fato de que alguém com dificuldade em se colocar no lugar do outro possa representar um personagem com ideias diferentes das suas por exemplo. Tal constatação entretanto não pretende insinuar que é inviável o trabalho teatral com crianças menores de 7 anos de idade, e sim alertar para o fato de que o início deste trabalho com crianças menores deve ser muito mais cuidadoso e planejado e com uma didática e metodologia bem específica.

É também nesse período que a criança começa a pensar sua ação como operação.

Mas, o que Piaget quer expressar com termo operação? Com o termo operação, ele tem em mente a ação do sujeito. Se nos níveis sensoriomotores, ação significava manipular o mundo, trabalhar o mundo e agir sobre o mundo; se no pensamento pré-operatório esta ação passou a ser interiorizada, ou uma ação por representação; com o advento do pensamento operatório a criança adquire a habilidade de pensar uma ação e reverter esse pensamento. Em outras palavras, operação é uma ação interiorizada reversível e coordenada (PÁDUA, 2009, p. 32).

Essa reversibilidade quer dizer que a criança, desde que possua a vivência concreta de alguma ação, pode revertê-la ou ainda antecipar, prever, resultados da ação. Em termos matemáticos, realizando operações, a criança estrutura sua lógica de modo a compreender que se $a=b$ e $b=c$, logo $a=c$. E ainda, se $a+b=ab$, $a=ab-b$ ou $b=ab-a$ (VIOTTO FILHO; PONCE, 2005, p. 152).

2.4.3 Desenvolvimento motor

Após compreendermos um pouco melhor como funciona o pensamento da criança podemos analisar melhor seu desenvolvimento global nos atentando agora para o desenvolvimento motor.

O desenvolvimento motor caracteriza-se a partir de níveis (estágios) que representam características específicas de certos períodos razoavelmente homogêneos. Autores conceituam o desenvolvimento motor como um processo evolutivo sequencial, dependente das interações entre maturação e aprendizagem, e a contínua alteração no comportamento motor ao longo da vida, proporcionada pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

De acordo com Coelho et al. (2010, apud. ECKERT, 1993) no período dos 6 aos 12 anos de idade, caracteriza-se uma fase que é conhecida pelo desenvolvimento lento do indivíduo, um período propício ao aperfeiçoamento e estabilização de habilidades e capacidades adquiridas anteriormente.

O fato de o crescimento da criança ter certa estabilidade neste período, apesar de as meninas já estarem iniciando o estirão (FERRIANI; SANTOS, S.D.), possibilita à criança a oportunidade de conhecer melhor seu corpo e aprimorar seus movimentos, uma vez que suas referências sensoriais e sua adaptação com o comprimento de seus membros estão mais estáveis nesse período.

Nesta fase há a necessidade de não apenas ampliar o acervo motor da criança como também de aprimorá-lo com variações mais complexas de movimentos que já lhe são familiares (MATTOS; NEIRA, 2008; APOLO, 2007). Neste sentido a prática teatral nessa faixa etária deve levar em consideração o fato do estágio cognitivo da criança, tentando trabalhar com o concreto e apresentando-lhe situações que sejam ou que se tornem familiares ao aluno, além de estimular o mesmo de maneiras diversas quanto às suas possibilidades corporais. O estímulo

correto e bem coordenado pode preparar o aluno de maneira global, levando seu organismo a um bom desenvolvimento motor e cognitivo, possibilitando ao aluno explorar seu universo de diversas formas sem privá-lo de poder aproveitar qualquer oportunidade de aprendizagem futura, seja qual for o âmbito da questão.

2.4.4 Desenvolvimento emocional

O desenvolvimento emocional é componente fundamental para a saúde e para a aprendizagem e tem importância significativa na prática teatral. Entendendo agora que a criança nesse período necessita drasticamente de suas vivências para o aprendizado, suas vivências emocionais ao longo da vida podem vir à tona no teatro ou serem barreiras a serem vencidas.

Segundo o que se segue é possível dizer que o emocional está intimamente ligado ao social e que, portanto, o professor tem aí uma questão na qual sua interferência, mesmo que significativa em algum aspecto, não pode em atitude isolada influenciar muito significativamente na inteligência emocional do indivíduo. Tendo isso em mente, a seguir será discutido um pouco sobre o que ocorre internamente com os indivíduos a fim de compreendê-los melhor, porém entendendo e respeitando suas individualidades e histórias de vida, para depois chegar ao teatro explorando essa riqueza de dados do indivíduo aluno, passando a ser indivíduo ator de teatro, ou indivíduo apreciador da arte teatral sensível, solidário, ser social, cidadão, consciente e maduro culturalmente.

Nunes (2007, p. 8) explica que aos 10 anos de idade a criança já é capaz de sentir duas emoções numa mesma situação, fato que não se observa anteriormente devido à sofisticação do sistema de avaliação sobre a situação geradora da emoção.

Segundo o mesmo autor,

a capacidade de refletir e avaliar as suas próprias ações, intenções e competências de acordo com os padrões sociais constitui um requisito para o desenvolvimento das primeiras emoções morais. É por volta dos oito anos que a criança começa a compreender a relação entre sentimentos negativos e ações repreensíveis (tais como mentir e roubar) e entre sentimentos positivos e ações louváveis moralmente (tais como sacrifícios, resistir a tentações e confessar comportamentos menos apropriados).[...]As crianças mais velhas [...] concebem as pessoas como agentes que devem conformar-se a um padrão normativo/moral enquanto seres sociais. Desse modo, por volta dos 6 e 7 anos, a criança começa a compreender que as emoções não dependem apenas do resultado das ações, mas também da aprovação/desaprovação expressa pelos outros (NUNES, 2007, p. 8).

Devido à grande dificuldade de analisar isoladamente os componentes que influenciam o desenvolvimento emocional foi sugerido por Pons, Harris e Rosnay (2004) a criação de fases em que se analisam vários componentes simultaneamente (NUNES, 2007, p. 8). Dentro de tais fases encontramos a fase reflexiva (8-12 anos) que, baseada em conjunto com o estágio das operações concretas, acaba por sugerir que nesse período as crianças estão mais dispostas a cooperação com seus pares e conseguem observar pontos de vistas diferentes em uma mesma situação. Nesta fase

a criança passa a ser capaz de compreender que as regras mudam de acordo com o contexto e as situações. O critério de uma 'boa ação' deixa de se sustentar nas consequências materiais, passando a considerar a intenção subjacente. A experiência de relações simétricas e o exercício de cooperação constituem factores essenciais ao desenvolvimento da autonomia pessoal. [...] assiste-se a uma maior diversidade, sofisticação e flexibilidade das estratégias de regulação emocional, a partir da capacidade para modificar estratégias menos eficazes por outras mais produtivas. [...] a fase reflexiva caracteriza-se pela expansão das estratégias de regulação emocional e pela compreensão das emoções mistas e do papel da moralidade nos estados emocionais (NUNES, 2007, apud. PONS; HARRIS; ROSNAY, 2004).

Além do que foi comentado, Netto (2009), indica certas questões a que devemos nos atentar neste período. Nesta idade o senso crítico está mais acentuado e a necessidade de expansão da criança é evidente, porém devemos nos atentar para sinais (roer unhas, chupar dedos ou algum tique nervoso) que indicam contenção da criança frente a suas necessidades ou vivência de um período de tensão. Além disso, a necessidade de expansão pode ser liberada em jogos violentos e correrias. A autora também ressalta que aos 10 anos, pelo fato do melhor domínio da motricidade, a descarga da tensão pode aparecer em movimentos de coordenação motora fina, como ao enrolar os cabelos ou morder a bochecha.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO OFERECIMENTO DA OFICINA DE TEATRO NA ESCOLA

3.1 TIPO DE PESQUISA E EXECUÇÃO

O presente estudo caracterizou-se por ser uma pesquisa de campo, adotando uma metodologia de natureza descritiva e qualitativa. Para Thomas e Nelson (2002, p. 280), a pesquisa descritiva tem seu valor baseado na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio de observação, análise e descrição objetivas e completas. Em relação à pesquisa qualitativa

O objeto do estudo de caso, por seu turno, é a análise profunda de uma unidade de estudo. [...] visa ao exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação em particular. Amplamente usado em estudos de administração, tem se tornado a modalidade preferida daqueles que procuram saber como e por que certos fenômenos acontecem ou dos que se dedicam a analisar eventos sobre os quais a possibilidade de controle é reduzida ou quando os fenômenos analisados são atuais e só fazem sentido dentro de um contexto específico (NEVES, 1996).

Esta pesquisa caracteriza-se também como um estudo de caso.

Como dito anteriormente, a execução da oficina de teatro ocorreu no período integral da escola com as turmas de 4º e 5º ano do ensino fundamental. Propôs-se, ao longo de 2 anos, a criação de uma oficina de teatro para as turmas que foram relatadas, executando atividades de caráter lúdico e embasados pelo que propõem os jogos teatrais.

Dentre as atividades que foram ofertadas estavam: jogos de improviso, confecção de materiais, teoria do teatro, apreciação de peças teatrais, etc.

Buscou-se ao longo do projeto levar aos alunos as mais variadas formas de teatro, tentando estimulá-los a apreciar alguma forma de manifestação desta linguagem. O intuito era aproximar os alunos desta linguagem que, até então, pouco havia sido trabalhada em suas vivências escolares.

3.2 ANÁLISE DE DADOS

A análise foi feita baseada especialmente na observação da assimilação dos alunos com relação ao conteúdo e como a linguagem os auxiliou no seu próprio desenvolvimento. Buscou-se averiguar o que eles haviam vivenciado sobre o teatro até a criação da oficina e como a oficina modificou seus pensamentos e suas percepções sobre o assunto.

Além disso, houve uma pequena investigação a fim de verificar se a oficina conseguiu ajudá-los de alguma maneira dentro de outras questões escolares, dentre elas: disciplina, participação, respeito, etc.

Após a observação do decorrer do projeto somado às minhas experiências pessoais e conhecimentos sobre o tema, aprofundou-se as pesquisas em estudos mais pedagógicos e em busca de organizar, da maneira mais coerente possível, com base em artigos e pesquisas sobre o tema, uma progressão pedagógica que permita aos alunos do primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental atingir um conhecimento e uma vivência mínima sobre o teatro que torne possível seu aprofundamento nos anos posteriores.

3.3 SUGESTÃO DE TRABALHO A SER REALIZADO

Concluída a etapa de observação prática e das pesquisas necessárias para embasar o trabalho, busquei apresentar os resultados confeccionando um quadro que explique de maneira lógica uma possível progressão nos conteúdos a serem trabalhados no primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental. Apesar de concentrar minhas observações nas crianças de 4º e 5º anos achei muito mais coerente organizar os conteúdos desde o 1º ciclo com o intuito de tornar a progressão mais consistente. Tomei o cuidado de iniciar a progressão a partir do 2º ano quando a maioria das crianças já se encontram no período operatório concreto, mesmo porque o trabalho de teatro com as crianças do 1º ano seria demasiado limitado e repetitivo, tornando a prática menos significativa, visto que existiria outras prioridades a serem trabalhadas nessa faixa etária e até mesmo por questões de desenvolvimento motor e emocional.

De acordo com o projeto foi desenvolvida uma progressão pedagógica para dividir o conteúdo do teatro de acordo com as faixas etárias, partindo do simples para o complexo em etapas claras que facilitam a assimilação do que se propõe. Que fique claro, inclusive, que a progressão pedagógica que se segue foi construída como uma sugestão de trabalho e não significa que deva ocorrer exatamente como está aqui descrito. A partir do organizado poderão ser construídas outras progressões que atendam um público específico ou que tornem ainda melhor o decurso do trabalho. A progressão a seguir foi elaborada com informações de autores sobre o tema e com a orientação de meu mediador Alair de Carvalho.

Em um estudo realizado por Salles (2007), elencou-se diversas informações acerca das relações com a linguagem do teatro de acordo com cada faixa etária. As autoras dividiram basicamente da maneira como segue abaixo.

7 anos: para a criança de 7 anos o mundo é um teatro constante, um contínuo faz-de-conta. Através do teatro e dos jogos teatrais, auxiliamos suas necessidades para organizar seu mundo e configurá-lo de forma a explorar suas possibilidades. Nesta idade a criança se sente una com o mundo ao seu redor, ela ainda não desenvolveu a percepção de ser um indivíduo, de sentir e agir diferencialmente daquilo que a cerca. Encontra-se no mundo da fantasia e o brincar da criança é seu trabalho, pois é na brincadeira que descobre as suas possibilidades corpóreas. Ainda não está preparada para explicações teóricas, porém tem a capacidade de imitação (gestos, postura, maneira de falar, vocabulário, etc.).

8 anos: para a criança de 8 anos o teatro entra como importante auxiliar no seu aprofundamento e desenvolvimento, porém se estrutura em cima da necessidade de estimular as necessidades intelectuais do indivíduo. Neste período o teatro passa a ser uma forma de complementar a formação moral da criança, tentando fazê-la compreender o mundo que a cerca, porém deve-se também estimular sua imaginação. Nesta idade a perda das características da primeira infância não é brusca, a criança é mais esguia e movimenta-se com maior flexibilidade e sua força da fantasia criativa deve ser despertada e desenvolvida.

9 anos: nesta idade a criança começa a reconhecer seu mundo e questionar a fantasia, portanto deve-se levar para a escola jogos teatrais que trabalhem ambos contextos. A criança aguça seu imaginário dentro de seu próprio mundo porque está se sentindo só, já percebe-se como indivíduo. A tarefa pedagógica é construir uma ponte entre o espaço interno da criança de 9 anos e o mundo do qual ela está se afastando. Nesta idade a criança passa por um momento muito especial, afasta-se cada vez mais da fantasia e do sentimento de unidade e integração com seu ambiente.

10 anos: para a criança de 10 anos pode-se trabalhar a interdisciplinaridade através de jogos teatrais. Com crianças de 10 anos, pode haver papéis mais individualizados e menos atuação em coro. Crianças mais conscientes, seguras e desembaraçadas são capazes de estabelecer, sustentar e desenvolver diálogos entre personagens. A improvisação começa a se tornar cada vez mais dinâmica e desenvolta. Nesta idade quase todas as crianças já passaram pela fase de

estranhamento frente ao mundo, despertando a própria individualidade, e sentem curiosidade por tudo que lhes é apresentado.

A partir desse estudo foi elaborada a progressão do ensino do teatro abaixo, para que cada faixa etária se encaixe nas suas necessidades:

Idade	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Conteúdos	Trabalhar a imaginação	Trabalhar formas de expressão (triste, feliz, surpreso, etc.)	Compreender o que é teatro (história do teatro/teoria) e peça teatral	Trabalhar a interdisciplinaridade (peças teatrais didáticas sobre: ciências, geografia, etc.)
	Construção e compreensão de regras	Leitura dramática (teatro infantil)	Jogos teatrais em dupla e em grupo	Apresentar peças teatrais e conhecer o teatro
	Demonstração de outras formas de fazer teatro (teatro de bonecos, sátira, teatro de animação de objetos, etc.)	Jogos teatrais voltados para a imaginação e concentração	Exercício de expressão corporal	Jogos teatrais de desenvolvimento motor (saltos, giros, quedas, etc.)
	Contação de histórias para o lúdico	Jogos teatrais para se fazer no coletivo	Principais características teatrais (drama, comédia, tragédia, etc.)	Criação de personagens e pequenas esquetes
			Trabalhar a expressão vocal	Teatro em grupo (respeito, ética, solidariedade, coletividade, etc.)
			Jogos de improvisação teatral	

Fonte: a autora, 2015.

4 POSSÍVEIS INTERVENÇÕES

Ao pensar nas formas de inserir a linguagem do teatro na vida desses alunos, duas formas me pareceram mais próximas da realidade que vivenciei e das necessidades que foram observadas, são elas: interdisciplinaridade e a oficina.

A ideia em ambas as propostas é auxiliar a equipe pedagógica na detecção de dificuldades de aprendizagem, no desenvolvimento de habilidades e na tentativa de corrigir situações de indisciplina, além de desenvolver questões fundamentais como: respeito, paciência, compreensão, etc.

4.1 INTERDISCIPLINARIDADE

Nesta proposta, dentro do cenário atual das escolas públicas, funciona melhor em forma de projetos e decisões de professores sobre um tema em comum. Tal método ainda tem resultados melhores quando os alunos já possuem certo discernimento sobre as questões que envolvem cada disciplina e, portanto, esse se encaixaria melhor no ensino fundamental 2 (ciclos 3 e 4). Mesmo assim, ainda podemos nos utilizar de projetos específicos no ciclo 1 e 2, porém tendo em mente que o tema proposto para o projeto e as particularidades do que cada professor pretende fiquem bem claras para os alunos.

Particularmente no ciclo 1 e 2 seria mais proveitoso a união dos professores envolvidos explicando em conjunto o projeto pela dificuldade das crianças estabelecerem relações lógicas do que se pretende. Se elas observarem que 2 ou mais professores estão juntos em construção de um trabalho onde cada um tem um ponto de vista, poderão perceber melhor as conexões entre os conteúdos apresentados.

Logicamente que, em virtude do que já foi exposto, a ideia de utilizar o teatro como ferramenta pedagógica, nesse caso, funcionaria apenas se o olhar dos envolvidos se baseie mais nas questões pedagógicas, buscando indícios do que se busca investigar. O professor de teatro, juntamente com os outros professores e a equipe pedagógica em conjunto será capaz de identificar problemas de convivência, possíveis líderes das turmas, problemas de relacionamento com a família, indisciplina, intolerância, etc.

Dessa maneira o teatro possui seu valor ímpar na obtenção de certas respostas, visto que um projeto interdisciplinar que não possua o teatro como um de seus conteúdos e que se utilize de meios mais objetivos para construção do trabalho

ou que limite a sociabilização das crianças terá maiores dificuldades de atingir a meta proposta.

Ao propor um projeto entre o professor de teatro, a alfabetização e a introdução à matemática por exemplo, pode não se ter o foco em sanar alguma questão pedagógica ou investigar algo, porém tal projeto pode dar centenas de “dicas” que serão úteis na construção de um segundo projeto que, aí sim, buscará elucidar certas questões e auxiliar os alunos na sua vivência escolar.

O próprio projeto interdisciplinar pode dar subsídios para a criação de uma oficina na escola, de acordo com a aceitação das crianças sobre um conteúdo específico.

4.2 OFICINA

A oficina por sua vez possui uma gama de utilizações que não pode ser mensurada, e que, em virtude do olhar superficial de diretores e coordenadores e, em sua maioria, do próprio sistema, torna-se empobrecida.

Não raramente observamos pessoas sem qualquer formação pedagógica à frente de oficinas nas escolas. Os ditos “oficineiros” muitas vezes não estão levemente preparados para os desafios que os esperam e, com isso, seus ensinamento baseiam-se exclusivamente em conteúdos específicos que se tornam vazios aos olhos dos pequeninos. Sou a favor sim de encher a escola de pessoas, de profissionais, mas há a necessidade igualmente prioritária de se dar qualidade e qualificação aos professores. Não estamos falando de meros profissionais, são pessoas especialistas em ensinar, pessoas que enxergam muito além do que se vê, pessoas que conseguem operar milagres diariamente e que são extremamente responsáveis na construção de um país melhor. Utilizar uma oficina de extremo valor pedagógico com uma pessoa desqualificada é o mesmo que pedir para um analfabeto alfabetizar.

Vejamos o que se pode caracterizar de uma oficina:

- Horário flexível – pode ser utilizada no contra turno, no período integral, etc;
- Número de alunos – o professor e a equipe pedagógica podem decidir quantos participam;

- Características dos alunos – de acordo com a necessidade pode-se estabelecer critérios para o ingresso dos alunos na oficina;
- Tempo da aula – o professor e a equipe decidem;
- Liberdade – a oficina permite certa liberdade para a atuação do professor, com metas programadas, mas que lhe permitem modificações ao longo do percurso.

Tudo isso que foi explicitado dificilmente será objeto de reflexão nas mãos de pessoas sem formação. É nesse sentido que defendo veementemente a ideia de que dentro da escola, lecionando, apenas pessoas qualificadas com domínio da área que se propõe trabalhar. Não é aceitável que as escolas sejam obrigadas a colocar coordenadores e orientadores pedagógicos para realizar trabalhos administrativos e burocráticos, enquanto os professores ficam desamparados em salas de aulas. Não é aceitável que pessoas sem qualificação ensinem nossas crianças enquanto pessoas qualificadas estão desempregadas aos montes pelo país.

Voltando à questão da intervenção pedagógica através da oficina, penso que esta é a melhor maneira de se utilizar o teatro para fins pedagógicos. Dentro de uma proposta estruturada em conjunto com a equipe pedagógica da escola, de acordo com o que expus de características da oficina, o leque de possibilidades é infinito. Pode-se escolher trabalhar: apenas com alunos indisciplinados, com alunos que são tímidos, com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, com alunos com deficiência, como forma de premiação, como forma de investigação de uma turma em questão, com objetivos específicos, para identificar talentos, enfim, qualquer situação que se apresente nas dificuldades pedagógicas do dia a dia de uma escola.

Com uma equipe pedagógica competente e um professor de teatro qualificado as possibilidades são infinitas. Mesmo que outras oficinas, como por exemplo as esportivas, possam ser utilizadas com tais intuitos, ainda assim não terão o mesmo alcance do teatro, pois através dele qualquer tema e objetivo é possível. Creio ainda que a proposta do ensino integral é exatamente essa, imagine a riqueza de ensinamento de uma escola onde as oficinas são variadas e a criança pode inclusive escolher o que deseja participar, porém na realidade o que ocorre é que o ensino integral foi preenchido por quaisquer oficinas com quaisquer profissionais com o

intuito de manter a criança na escola, independentemente da qualidade do que se oferece. O que por aí vai, são alunos que estudam as mesmas coisas no período da manhã e da tarde, que não possuem atividades diferenciadas e que ao tê-las, pela ânsia de brincar, acabam “bagunçando”. Quase todas escolas integrais oferecem alguma oficina de Arte ou de Educação Física sem qualquer infraestrutura ou materiais para tanto. Além disso tudo, ainda confundem-se situações e acabam distorcendo informações da própria lei, visto que disciplinas obrigatórias agora estão sendo tratadas como oficinas. Isso é lamentável, pois a lei acaba sendo usufruída de forma irregular e o principal foco da lei, que é proporcionar outras atividades ao aluno, fica devendo novamente uma lacuna na vida escolar dessas crianças.

O que quis explicitar é que a oficina dentro da escola possui particularidades que a enriquecem como forma de ensinar pelo controle de quase todos os fatores que ela possui, porém deve-se atentar para o fato de que somente isso não basta, há que se preparar a escola para o oferecimento da mesma.

5 CONCLUSÃO

Unindo o teatro, jogos teatrais e suas possibilidades pedagógicas, em uma abordagem do teatro como ferramenta pedagógica, é possível propor atividades teatrais que auxiliem no desenvolvimento da criança, e assim a tornar um ser mais crítico, que respeita regras e o próximo. Durante o processo da oficina na escola, concluiu-se que o teatro é uma ferramenta muito rica para ajudar nas nossas necessidades como seres humanos, eis que, como ficou evidente, desde que não seja preconizado em um formato acabado e rígido, pode ser utilizado para suprir em situações pedagógicas e auxiliar de maneira ímpar a equipe pedagógica e principalmente os alunos.

Durante todo o processo, meus objetivos eram claros quanto à observação do teatro como oficina e como ele pode auxiliar não apenas os alunos, mas a escola de maneira geral. Apesar dos alunos não terem realizado nenhuma peça teatral na escola (situações comuns nas escolas) posso garantir que a experiência da oficina que foi ministrada beneficiou-os muito mais do que uma peça acabada e unilateral.

Com a progressão pedagógica que surgiu ao longo do processo e foi apresentada neste trabalho podemos imaginar várias pesquisas futuras sobre o tema, seja modificando o que está colocado ou utilizando-o como base. A

progressão ainda pode servir de embasamento para vários profissionais que buscam um rumo para o trabalho com teatro na escola e espero que a sugestão dessa progressão se torne cada vez melhor e completa com base em outras situações mais específicas.

O intuito de todo o processo é que nossos alunos possam alcançar o ciclo 3, e mais à frente o ensino médio, com uma base teatral que possibilite um trabalho mais aprofundado, melhorando a leitura que se tem da linguagem e proporcionando a captação de talentos, além claro de levar um pouco mais de cultura para dentro da escola.

REFERÊNCIAS

APOLO, Alexandre. **A criança e o adolescente no esporte**. São Paulo: Phorte Editora, 2007.

ARCOVERDE, Silmara Lídia Moraes. **A importância do teatro na formação da criança**. 2008. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.pdf>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2015.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COELHO, Eliana da Silva, et al. **Perfil Motor de crianças com idade de 9 a 10 anos em uma escola pública na ilha de Caratateua/PA**. FIEP Bulletin, 2010.

DANTAS, Patrícia Lopes. **Teatro**. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/artes/teatro.htm>>. Acesso em: 29 de abril de 2015.

FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; SANTOS, Graziela Vieira Bassan dos. **Adolescência: puberdade e nutrição**. Disponível em: <<http://www.abennacional.org.br/revista/cap3.2.html>>. Acesso em: 21 de outubro de 2014.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

KOUDELA, Ingrid Dormien; SANTANA, Arão Paranaguá de. **Abordagens metodológicas do teatro na educação**. São Luís: Ciências humanas em revista, v.3, n. 2, 2005.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola**. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

NELSON, J. K.; THOMAS, J. R.. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NETTO, Marilena Teixeira. **A mente de 9 a 11 anos**. 2009. Disponível em: <<http://artigosdepsicologia.wordpress.com/2009/07/06/a-mente-de-9-a-11-anos/>>. Acesso em: 21 de outubro de 2014.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 06 de março de 2015.

NUNES, Joana Filipa Sousa. **A compreensão das emoções em crianças dos 9 aos 11 anos- Estudo da Adaptação Portuguesa do TEC**. 2007.

PÁDUA, Gelson Luiz Daldegan de. **A epistemologia genética de Jean Piaget**. Revista FACEVV, 2009.

PIAGET, Jean. **Fazer e compreender**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

SALLES, Ruth. **Coleção Teatro na Escola**. São Paulo: Peirópolis, Instituto Artesocial, 2007.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**. 2003.

VIOTTO FILHO, Irineu Aliprando; PONCE, Rosiane de Fátima. **Desenvolvimento cognitivo: alguns subsídios para a compreensão da teoria de Jean Piaget**. Araçatuba: Aveso avesso, 2005.